

## CONTRIBUIÇÕES DO ENSINO PROFISSIONALIZANTE PARA AUTOCONSTRUÇÃO HABITACIONAL EM UM ASSENTAMENTO DO MST

CONTRIBUTIONS OF PROFESSIONAL TEACHING FOR HOUSING SELF-CONSTRUCTION IN  
A MST SETTLEMENT

João Maurício Santana Ramos<sup>1</sup>

### Resumo

Este texto apresenta uma pesquisa defendida em 2010 no Programa de Pós-Graduação Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia; expõe contribuições do ensino profissionalizante promovido pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Habitação Popular (Thaba), da Uneb, para assentados do MST em Água Fria - BA, visando à autoconstrução das casas do assentamento. A metodologia compreendeu revisão bibliográfica, coleta e análise de dados de campo, utilizando leitura de documentos, grupos focais, entrevistas. As conclusões identificaram: impacto negativo da baixa escolaridade dos aprendizes na formação profissional; aprendizagem significativa dos assentados, verificada na transferência de saberes adquiridos em um para outro sistema construtivo, nos relatos de trocas de conhecimento com pessoas que não participaram dos cursos e na solução de problemas enfrentados na construção habitacional; educação para a cidadania ocorrida nos processos deliberativos entre os assentados; necessidade de agentes da sociedade civil atuarem junto aos assentados para dinamizar seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** MST. Thaba. Ensino profissionalizante. Autoconstrução. Mutirão.

### Abstract

This text presents a research defended in 2010 in the Postgraduate Program in Education and Contemporaneity of the University of State of Bahia; presents contributions of vocational education promoted by the Research and Extension Center in Popular Housing (Thaba), of Uneb, for settlers of the MST in Água Fria - BA, aiming at the self-construction of the houses of the settlement. The methodology included bibliographic review, collection and analysis of field data, using document reading, focus groups, interviews. The conclusions identified: negative impact of low level of apprenticeship in vocational training; significant learning of the settlers, verified in the transfer of acquired knowledge in one to another constructive system, in the reports of exchanges of knowledge with people who did not participate of the courses and in the solution of problems faced in the housing construction; education for citizenship in the deliberative processes among the settlers; need for civil society actors to work with the settlers to boost their development.

**Keywords:** MST. Thaba. Vocational Teaching. Self-Construction. Collective Effort.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). É Professor Adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Contato: ramosjms@hotmail.com

## 1. Introdução

A luta dos movimentos sociais do campo vai da conquista da terra às questões da maioria dos brasileiros, integrantes das classes menos favorecidas: habitação, saúde, educação, transporte, infraestrutura e crédito para produção. A questão da habitação conta com o apoio de crédito oriundo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e tem um dos dois encaminhamentos: mutirão para construção coletiva ou a contratação de construtoras. A primeira alternativa pode levar a casas com problemas decorrentes de erros na sua construção, devido à pouca qualificação da mão-de-obra disponível. A segunda opção resulta em habitações com área reduzida e baixa qualidade construtiva, já que as construtoras seguem a lógica do mercado, visando ao lucro e ignorando as demandas dos assentados com respeito à moradia.

A construção civil é o setor mais carente de mão-de-obra qualificada no Brasil, país que registra o segundo maior grau de dificuldade para os empregadores encontrarem profissionais adequados a suas demandas, segundo Barsan (2010), que também sinaliza que a valorização da formação universitária, em detrimento de cursos técnicos e de aperfeiçoamento, criou um gargalo na geração de empregos no Brasil. Investimentos em formação profissional devem estar entre as prioridades do Governo e da iniciativa privada – mas é preciso oferecer vagas gratuitas, pois quem está desempregado não tem como pagar por um curso de formação.

Atento a esta questão, o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Habitação Popular (Thaba), ligado à Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), ministra cursos de pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista e pintor desde 1998.

O Thaba, convidado por lideranças do Assentamento Menino Jesus, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no município de Água Fria – BA, entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007 ofereceu cursos a 48 assentados, para que pudessem construir, em regime de autogestão, as 212 casas do assentamento. Também realizou a capacitação da organização local do assentamento para gerenciar a construção das casas da vila agrícola.

Um ano após o término dos cursos, sabia-se que os assentados já haviam construído 154 das 212 casas. Dessas 154 habitações, 22 haviam sido iniciadas antes dos cursos do

Thaba, quatro foram construídas durante os cursos e 128 foram construídas após os cursos.

Diante do exposto, coloca-se o objetivo geral deste estudo de caso: identificar e analisar as contribuições trazidas pela formação profissional promovida pelo Thaba para a autoconstrução das casas do assentamento MST em Água Fria – BA. Para atingi-lo, estabeleceram-se três objetivos específicos: a) entender como se deu a construção das casas, antes e depois dos cursos do Thaba; b) coletar e analisar relatos dos assentados e dos técnicos do Thaba acerca da intervenção realizada; e c) analisar como foi desenvolvida a metodologia dos cursos.

## 2. Habitação e educação no MST

As políticas destinadas ao campo “apresentam um nítido desconhecimento da habitação social, desde os parâmetros do parcelamento do solo, à definição do local de moradia, dos equipamentos necessários de uso coletivo, do sistema viário e de transportes, às possibilidades de infraestrutura” (BORGES et al, 2010, p. 3). Um dirigente regional do MST, a quem entrevistei, denunciou problemas nas habitações dos assentamentos, que geralmente

são residências pequenas para comportar famílias grandes, ainda estas famílias demoram muito tempo para acessar o crédito de moradia, vivendo em moradias temporárias que acabam virando definitivas, e muitos recebiam os créditos e só reformavam as habitações antigas, tanto que hoje a demanda por reforma habitacional é tão grande quanto a construções novas.

A prática de mutirões<sup>2</sup> assistidos para a construção de moradias, que possibilita ganhos em área construída e qualidade das habitações, é pouco comum no movimento. Ou acontece a autoconstrução<sup>3</sup>, ou são feitas cooperativas, ou são contratadas

---

<sup>2</sup> De acordo com Abiko e Coelho (2006, p. 8) é “também conhecido como sistema de ajuda mútua, é uma alternativa habitacional baseada no esforço coletivo e organizado da comunidade – os chamados mutirantes – para a construção de suas próprias moradias.”

<sup>3</sup> De acordo com Vidal (2008, p.48), “consiste em um processo de produção de moradias em que a família, de posse de um lote urbano (obtido no mercado formal ou informal), constrói ela mesma sua residência, por seus próprios meios e recursos, utilizando como mão-de-obra o trabalho de seus próprios membros, de parentes e amigos e também mão-de-obra contratada. Pode-se dizer que é um processo onde o morador produz a sua própria moradia.”

construtoras, que executam projetos padronizados e sem a participação dos assentados nas decisões. Entretanto,

[...] o processo de planejamento, projeto e gestão da construção e melhoria das habitações constitui parte complementar à reforma agrária sob dois aspectos: 1º. Pela melhoria das condições de vida dos assentados; e 2º. Pela utilização de métodos organizativos que priorizem o coletivo, num processo de educação política de seus participantes (BORGES et al, 2010, p. 4).

A educação “[...] em suas diferentes dimensões – escolar, de adultos, política, religiosa, sindical, etc. –, tem um lugar central no movimento dos sem-terra” (GOHN, 2003, p. 145). Por um lado, a educação formal, escolar, em seus diversos níveis, busca atender às demandas do movimento, formando pessoas que venham contribuir com as questões relacionadas aos camponeses. Por outro lado, a educação informal, que se dá por meio de marchas, de ocupações, da realização da mística e de outras manifestações, termina por envolver crianças, jovens e adultos, fortalecendo os ideais do movimento e a sua própria luta. Ou seja, a educação escolar e a educação não escolar são experiências ricas na experiência educativa dos assentados (MENEZES NETO, 2003).

### 3. O Município de Água Fria

O município de Água Fria foi criado em 1962, a partir do desmembramento do vizinho Irará. Situa-se na microrregião de Feira de Santana, a segunda maior cidade da Bahia, e na mesorregião do centro-norte baiano. Possui área de 643 km<sup>2</sup> e população de 15.824 habitantes (estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2008), o que resulta numa densidade de 23,5 hab/km<sup>2</sup>. Seu clima é subúmido a seco. Em 2005<sup>4</sup>, possuía o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 40.746.000,00, o que implicava o PIB per capita de R\$ 2.703,00 (dados do IBGE). Dentre as atividades econômicas do município, pode-se destacar a criação de aves (frango) e a agricultura, com predominância do cultivo de mandioca, milho e feijão.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Água Fria está abaixo dos índices baiano e brasileiro: em 2000, apresentava IDH de 0,57, enquanto que a Bahia tinha 0,69, e

---

<sup>4</sup> Apesar de haver dados mais recentes de Água Fria, optou-se por manter, neste artigo, os dados apresentados na dissertação de mestrado, em função de os cursos do Thaba terem acontecido entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007.

o Brasil 0,77. A Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) adota o Índice de Desenvolvimento Econômico (IDE) e o Índice de Desenvolvimento Social (IDS) com o objetivo de comparar os municípios e de acompanhar a sua evolução. Dentre os 417 municípios baianos, Água Fria ocupa a 320ª posição no IDE, e a 388ª posição no IDS (dados de 2000).

#### **4. O Assentamento Menino Jesus**

O Assentamento Menino Jesus localiza-se na Regional Recôncavo, uma das oito regionais da Bahia. Cada regional possui uma secretaria, de apoio para os assentados; cada assentamento, por sua vez, possui um coordenador, um vice e um secretário e está organizado em núcleos de família, com dez famílias em cada núcleo (RODRIGUES, 2003, f. 30).

O Assentamento Menino Jesus nasceu com a ocupação, por 120 famílias, da Fazenda Paracatu, antiga fábrica de artefatos de sisal falida havia 12 anos, em 20 de dezembro de 1998. Como havia muitas crianças na ocasião, inclusive com menos de um ano de idade, e era próximo do Natal, definiu-se, em assembleia, pelo nome Menino Jesus. Hoje, são 212 famílias no assentamento, cabendo a cada uma cerca de 40 ha para o lote e um hectare para a agrovila (BISPO, 2010).

O assentamento possui uma área de 13000 ha, sendo 900 ha de eucalipto, e um solo de baixa fertilidade. É uma região de transição entre mata atlântica, caatinga e cerrado. O clima é típico de semiárido, com médias de temperatura anuais superior a 25°C, chuvas com distribuição irregular e escassas (cerca de 750 mm/ano).

#### **5. O percurso da pesquisa**

A pesquisa aqui apresentada foi realizada no Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, concluído em 2010.

Os dados acerca dos cursos foram obtidos mediante análise de documentos e realização de pesquisa de campo. Para realizar a pesquisa de campo junto aos assentados e junto aos educadores do Thaba, optou-se pelo grupo focal. Ainda na pesquisa de campo, foi aplicado um questionário ao dirigente regional do MST à época dos cursos.

O grupo focal é uma reunião de pessoas escolhidas por pesquisadores para comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. O grupo é conduzido por um moderador, cujas atribuições são manter a produtividade da discussão, evitar dispersões do foco e garantir que todos possam expressar suas opiniões, evitando a monopolização da discussão por alguns participantes. Um roteiro de perguntas ou tópicos, elaborado para nortear a discussão, é fundamental para que o moderador conduza os trabalhos, mas deve ser encarado com flexibilidade, pois no debate podem surgir tópicos que não estavam previstos inicialmente e que contribuirão para a pesquisa. O moderador deve evitar posicionar-se na discussão, emitindo opiniões ou fazendo sínteses; deve, sim, fazer fluir a discussão entre os participantes da atividade, sempre tendo em vista que o grupo focal não é uma entrevista em grupo: é uma conversa coletiva, na qual há condições para que cada um coloque seu ponto de vista, construa análises, críticas e outras perspectivas acerca do tema abordado (GATTI, 2005).

Estive no assentamento no dia 17 de abril de 2009, a fim de explicar, aos assentados, o objetivo da pesquisa e a forma como ela seria realizada, para que concordassem ou não em participar do processo. Participaram desta reunião, que foi bastante breve, 19 assentados e o técnico em construção civil Francisco<sup>5</sup>, integrante do Thaba, que acompanhou de perto os cursos de formação profissional ministrados no assentamento.

Foram realizados dois grupos focais com os assentados: um no dia 09 de maio e outro no dia 16 de maio de 2009. No dia 09, foram debatidos os acontecimentos relacionados à construção das casas e anteriores ao curso, bem como os fatos relativos aos próprios cursos, e no dia 16 foi abordado processo de construção das casas em autogestão, posterior ao curso. É importante registrar que houve uma relação de confiança entre mim e os participantes dos grupos focais, pois eu participava da equipe do Thaba. Antes dos três encontros acima relatados, eu somente havia estado no assentamento por ocasião da entrega das casas construídas durante os cursos, ou seja, foi muito pequeno o meu contato com os assentados. Como o Thaba goza de prestígio no assentamento, a coleta de dados foi bastante favorecida.

O encontro do dia 09 foi agendado para as nove horas, na escola do assentamento. Depois seria servido um almoço, em uma das casas da vila agrícola, por recomendação das lideranças locais, para estimular a participação dos assentados, mas que também

---

<sup>5</sup> Todos os nomes de técnicos do Thaba e assentados aqui citados são fictícios.

serviria como forma de confraternização, após os trabalhos. Como chovia muito na ocasião, o grupo focal foi transferido para a casa onde seria servido o almoço. Foi necessário que eu buscasse, de carro, os assentados em suas casas, por conta da chuva. O grupo focal só teve início por volta do meio-dia e foi finalizado pouco depois das 14 horas, com duração aproximada de 2h05min. Participaram deste grupo focal 15 assentados e o técnico em construção civil Francisco. Ao término do debate, agendou-se o segundo e último grupo focal para o sábado seguinte, dia 16, às dez horas, no mesmo local de realização do primeiro debate, e o almoço foi imediatamente servido.

No dia 16, não chovia. Entretanto, mais uma vez foi necessário buscar os assentados em suas casas e os trabalhos foram iniciados por volta do meio-dia. Alguns dos participantes do primeiro encontro ausentaram-se e havia, desta vez, novos participantes, o que demandou uma breve explicação sobre o que havia ocorrido na semana anterior, inclusive com uma retomada das orientações sobre como a conversa deveria transcorrer. Esta mudança na formação do grupo não chegou a atrapalhar a coleta de dados. O debate teve duração de cerca de 2h10min, encerrando-se pouco depois das 14 horas. Participaram deste grupo focal 13 assentados e o técnico em construção civil Francisco.

Os dois grupos focais foram filmados e gravados em dois MP3 players, para evitar a perda de dados. Foram transcritos e, a partir daí, procedeu-se à análise das categorias de interesse. Durante a realização dos grupos focais, notou-se que as falas dos assentados presentes complementavam-se, havendo raras contradições e, quando estas ocorriam, eram desfeitas com o prosseguir do debate; por isso, e em razão do grande número de participantes, optou-se por omitir a identificação dos sujeitos.

No dia 10 de agosto de 2010, no escritório do Thaba, realizou-se um terceiro grupo focal, naquela vez com algumas pessoas da equipe do Thaba. Estiveram presentes a assistente social Rosa, o licenciado em construção civil Gilmar, o engenheiro de produção civil Ademir e a arquiteta Lúcia, coordenadora do Thaba. A reunião teve início por volta do meio-dia e durou cerca de 45 minutos; foi gravada em um MP3 player, e posteriormente transcrita, para análise. Nesta transcrição, optou-se por identificar os atores, dada a especificidade de suas formações e de seus papéis nos cursos.

## 6. O início da autoconstrução das casas

As lideranças do Assentamento Menino Jesus optaram por empregar o crédito para habitação, oriundo do Incra, em um mutirão, de modo a obter casas mais amplas. Ao todo, seriam construídas 212 casas na vila agrícola. Escolheram como tecnologia construtiva um sistema de tijolos de solo-cimento compactados modulares, a serem fabricados no próprio assentamento. Esta tecnologia foi denominada “tijolo ecológico” pela empresa que a desenvolveu, a Sahara, por não haver queima na produção dos tijolos: feitos a partir de uma mistura de arenoso (retirado de jazidas locais), cimento e água, a cura, ou secagem, acontece ao longo de sete dias. Eliminada a queima, diminui-se o desmatamento e a emissão de carbono na atmosfera. Segundo um dirigente regional do MST, a ideia de utilizar o tijolo ecológico surgiu a partir da construção da Escola Nacional Florestan Fernandes do MST em São Paulo, onde foi usada a mesma tecnologia. Outras razões que levaram à definição deste sistema construtivo foram: a) montar uma estrutura permanente de profissionais em construções alternativas através da capacitação e profissionalização de assentados na construção civil; b) geração de emprego e renda para famílias dos assentados através da continuidade da fabricação dos tijolos para venda a terceiros; c) apelo ecológico por utilizar produto menos agressivo ao meio ambiente; d) fazer com que os assentados gerissem os recursos evitando atravessadores e assim ampliar a aplicação dos recursos nas residências; e) baixar custo de mão-de-obra através da mão-de-obra familiar e coletiva; f) a experiência educativa de autogestão e organização do trabalho; g) valorizar a opinião e a participação da família assentada na construção da sua residência.

Os assentados não dominavam esta técnica construtiva, e, no processo de ajustes ao sistema construtivo, foram utilizadas outras duas formas de tijolo, até chegarem ao modelo definitivo. A primeira opção de forma foi um tijolo maciço; depois, um tijolo furado, e pequeno. Depois, o tijolo furado, e nas dimensões (25x12,5x6,75) cm. Este tijolo é produzido em um formato que, segundo a empresa, propicia a diminuição do tempo de execução (pois a fabricação é feita como em uma linha de montagem), a redução do gasto com a massa de revestimento (por ser mais regular que o bloco convencional) e do peso da construção (pois o tijolo possui furos). Além disso, a construção com o tijolo



ecológico proporciona maior conforto térmico e acústico. No assentamento Menino Jesus, definiu-se que a fabricação dos tijolos, na quantidade necessária à construção de uma casa, seria de responsabilidade da família proprietária e que seriam prioritariamente construídas as casas pertencentes às famílias que fabricassem seus próprios tijolos.

Os assentados depararam-se com alguns problemas durante a construção:

- a) o traço<sup>6</sup> da mistura entre arenoso, cimento e água não era adequado ao tipo de arenoso encontrado no local, e o tipo de cimento adquirido não era o indicado para se fazer a mistura, o que levou à produção de tijolos frágeis;
- b) a solução adotada para fabricação dos tijolos, por cada família proprietária, levava à não uniformidade dimensional do tijolo, pela operação incorreta das máquinas compactadoras e à acentuada descontinuidade na fabricação dos tijolos, pela falta de cronograma com metas previamente estabelecidas e equipes regulares de produção;
- c) os ineficientes armazenamento e controle dos materiais adquiridos levaram a perdas;
- d) a falta de domínio sobre a tecnologia levou a sérios problemas nas construções.

Para tentar superar as dificuldades, dez dos assentados foram à fábrica da Sahara, em São Paulo, para conhecer a fábrica e o processo de fabricação dos tijolos. Ainda assim, os problemas persistiram. Estes problemas terminaram por causar desânimo e descrédito entre os assentados, conforme o testemunho abaixo, colhido no primeiro grupo focal:

[...] Aí quando o veio o nosso prejuízo, quando veio o quebra-cabeça. Porque tentava de uma forma, não dava certo, tentava de outra forma, não dava certo. E aí, com o isso, o pessoal foi entrando em contradição, porque... porque foi surgindo prejuízo, “perca” de tempo, “perca” de material, e aí o pessoal começou a... a perder a paciência.

Diante destas dificuldades, com a construção de 22 casas em andamento, em março de 2006 as lideranças locais procuraram o Thaba para que fossem ministrados cursos de formação profissional voltados para as atividades de pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricitista e pintor, utilizando a tecnologia do tijolo ecológico, de modo que os agricultores assentados qualificados pudessem reproduzir o conhecimento adquirido,

---

<sup>6</sup> Proporção entre os diversos componentes de uma argamassa.

construindo as casas da vila agrícola. Também seriam realizados, pelo Thaba, o ajuste de traço para os tijolos fabricados em solo-cimento, o treinamento para a correta fabricação dos tijolos e a implementação dos apropriados armazenamento e controle de estoque de materiais de construção. Em paralelo a estas ações, ao longo dos cursos, seriam construídas quatro unidades habitacionais, com cerca de 50,00 m<sup>2</sup> cada uma delas. Os assentados não foram consultados ou avisados do contato entre as lideranças e o Thaba:

Levamos um pouco assim de surpresa, porque na verdade ele não falou “vai vir um curso”, entendeu? O pessoal veio aí, o Thaba veio, pesquisou a área, ninguém sabia de nada. Ninguém sabia. Aí, foi quando o pessoal reuniu, teve uma assembleia que o pessoal reuniu, aí ele chegou, o pessoal já estava presente, né?, e veio e falou: “nós vamos trazer um curso de qualificação pra poder ajudar vocês construírem as casas de vocês. A intenção é ajudar vocês, e dar uma experiência pra quem não sabe, pra quem não teve a oportunidade de aprender, e também dar um impulso nas casas”.

Após visitar o assentamento e conhecer um pouco da história de luta desse grupo de agricultores, o Thaba ponderou que a tecnologia tradicional de construção, utilizando blocos cerâmicos convencionais, seria mais adequada para erguer as casas, por propiciar uma execução mais rápida, por não ser necessário empregar tantos esforços na fabricação de tijolos e por possibilitar futuras ampliações dos imóveis facilmente realizáveis. Entretanto, as lideranças do assentamento optaram por manter a tecnologia do tijolo ecológico. A partir desta definição, o Thaba elaborou uma proposta de trabalho, usando esse sistema construtivo, para formar 48 assentados nas profissões da construção civil: pedreiro, carpinteiro, encanador, eletricista e pintor. Os recursos financeiros necessários à execução dos cursos foram viabilizados pela Petrobras, dentro de suas ações de responsabilidade social, mediante o Convênio nº 2700.0025485.06.4, com interveniência financeira da Fundação Juazeirense para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico do São Francisco.

## **7. Formação profissional para a construção civil no Assentamento Menino Jesus**

### **7.1. Equipe do THABA e definição da metodologia dos cursos**

A equipe do Thaba era composta por três licenciados em construção civil e uma assistente social, que atuaram como educadores; um técnico em construção civil, que atuou no apoio; uma arquiteta, que atuou como coordenadora pedagógica; e um engenheiro civil, que atuou como coordenador geral. Todos estes profissionais haviam participado anteriormente do Programa Aprendendo e Construindo, uma grande experiência de formação profissional para a construção civil promovida pelo Thaba entre 1999 e 2003 em onze municípios baianos.

A metodologia dos cursos ministrados no Assentamento Menino Jesus foi delineada após algumas reuniões, das quais participaram lideranças locais e os profissionais do Thaba. Nesses encontros, definiram-se o tipo de tecnologia, o modelo espacial das unidades habitacionais, o número de assentados a serem qualificados, os cursos a serem ministrados, o regime de trabalho, dentre outros procedimentos. A prática de dialogar com os diversos envolvidos nas ações de formação profissional é recorrente para o Thaba.

### **7.2. Seleção de educandos**

Como o processo de construção já havia sido iniciado no assentamento, a equipe do Thaba solicitou aos dirigentes do MST que indicassem pessoas para participar dos cursos, pois eles conheceriam aqueles que, envolvidos no processo, dariam continuidade à construção das casas da vila, depois de findados os cursos. Os critérios para admissão nos cursos foram compromisso com o movimento e idade superior a 16 anos – este último era praxe nos cursos do Thaba, por se tratar de cursos profissionalizantes para a construção civil.

Nesta experiência do Assentamento Menino Jesus, não foi exigido um pré-requisito que é colocado nos cursos profissionalizantes ministrados pelo núcleo: primeiro ciclo do ensino fundamental completo. Suspendeu-se este pré-requisito em função da baixa

escolaridade da população do assentamento. Essa conjuntura levou também à adaptação de alguns conteúdos.

Para as 48 vagas oferecidas nos cursos, as lideranças indicaram 48 assentados, o que dispensou a seleção de educandos. Na primeira semana de curso, para verificar a aptidão dos indicados para as profissões da construção civil, aconteceram tarefas com o objetivo de avaliar as dificuldades/identidades dos educandos com os cursos. Os indicados, após essa semana de atividades, decidiram participar de todos os cursos que seriam ministrados pelo Thaba.

Após a primeira semana de atividades, foram constituídas quatro equipes de trabalho, cada uma com 12 aprendizes e responsável pela construção de uma casa, dentro das atividades práticas. A formação das equipes ficou a cargo dos educadores do Thaba, mas havia a possibilidade de reformulação, ao longo do processo, como atesta a assistente social do núcleo:

A gente separou Chico da esposa, justamente porque a gente levava em consideração que, se os dois ficassem juntos, o rendimento não fosse tão bom. E no final do primeiro mês a gente viu que não deu certo. E, quando a gente juntou os dois, o rendimento mudou, né? Embora ela tivesse a postura de ser sempre a ajudante dele, mas ela teve um rendimento melhor do que quando tava antes, na equipe separada dele.

Esta atitude de rever os próprios atos, que nasce da autoconfiança, é uma característica que deve estar presente nos processos educativos com características democráticas, a fim de garantir o respeito às liberdades (FREIRE, 2008).

Cada equipe de trabalho tinha um líder, que era escolhido semanalmente. A proposta era que todos da equipe pudessem liderar o grupo ao menos uma vez, mas algumas pessoas recusaram-se terminantemente e outras tiveram que ocupar a função por mais de uma vez. Ao líder cabia ir ao almoxarifado, retirar as ferramentas e materiais necessários às atividades do dia.

Com o desenrolar das atividades de formação profissional, foram ocorrendo desistências entre os inicialmente matriculados. Para preencher estas vagas, coube às lideranças do assentamento indicar novos nomes.

### 7.3. Programação de aulas, conteúdos e recursos empregados

As aulas aconteceram entre novembro de 2006 e março de 2007, nos turnos da manhã (das 07h30min às 12h00min) e da tarde (das 13h00min às 17h30min), com carga horária diária de nove horas, às sextas-feiras, sábados, domingos e segundas-feiras, com carga horária total de 504 horas. Estes dias foram definidos junto aos aprendizes e às lideranças, de modo a conciliar as atividades dos cursos com as atividades de plantio e outras ações do MST. Também com eles foi construído o regulamento do curso, prevendo responsabilidades, tolerâncias, horários, procedimentos, para torná-los corresponsáveis no processo de ensino-aprendizagem.

Para o funcionamento dos cursos, empregaram-se os seguintes recursos, além dos humanos: sala de aula; cartilhas técnicas; equipamentos audiovisuais; material administrativo e didático; equipamentos de proteção individual (EPI's); ferramentas e materiais de construção para as atividades práticas, como também os materiais relativos às unidades habitacionais.

As atividades dos cursos foram divididas entre teóricas e práticas. As atividades teóricas geralmente aconteciam no início do turno de aulas, com a prática correspondente desenvolvida logo em seguida. Dentre as atividades teóricas, além das específicas de cada profissão, foram inicialmente abordadas habilidades básicas, com os seguintes conteúdos e cargas horárias:

- a) Legislação Trabalhista – acordos coletivos de trabalhos e direitos trabalhistas – 4,5 horas;
- b) Noções de Saúde e Segurança no Trabalho – prevenção, EPI's, acidentes e suas causas, e NR-18 – 4,5 horas;
- c) Leitura e interpretação de projetos de edificações habitacionais – plantas baixas, cortes, fachadas, coberturas, fundações, estrutura e locação – 9 horas;
- d) Produtividade – noções de gestão e organização do trabalho – 4,5 horas;
- e) Matemática Básica – adição, subtração, multiplicação e divisão; noções de medida (comprimento, perímetro, superfície e volume); noções de geometria (estudo da reta, estudo da área, estudo do volume); porcentagem – 18 horas;
- f) Manuseio de calculadora – como ferramenta de trabalho para calcular áreas, volumes e quantificar materiais – 4,5 horas.

As atividades teóricas de cada profissão deram suporte às atividades práticas, que se concretizaram na construção de quatro unidades habitacionais no assentamento. Os aprendizes puderam vivenciar, acompanhados por educadores e monitores – profissionais experientes da construção civil –, as atividades de pedreiro (como locação, escavação, fundação, marcação e levante de alvenaria, realização de empena, contrapiso, chapisco, reboco, revestimento de piso e parede), carpinteiro (montagem de telhados, montagem e instalação de portas e janelas, instalação de forro), encanador (marcação e corte de paredes, instalações de água fria e de esgoto, instalação de reservatório e de louças sanitárias), eletricitista (marcação e cortes de paredes, montagem de circuitos, de quadros e de pontos elétricos), e pintor (preparação de superfície e aplicação de tinta). Além disso, foram abordadas a quantificação de serviços, e o cálculo de orçamentos para cada uma dessas profissões. As aulas de pedreiro totalizaram 198 horas; as de carpinteiro, encanador e eletricitista, 72 horas para cada curso; as de pintor, 45 horas.

A programação das aulas obedeceu ao cronograma de execução das casas. Inicialmente aconteceram as aulas do curso de pedreiro e, oportunamente, foram ministrados os cursos de carpinteiro, encanador, eletricitista e pintor, seguindo o andamento da construção dos imóveis.

#### **7.4. Relação entre educadores e aprendizes**

Os depoimentos abaixo, colhidos no primeiro grupo focal com os assentados, são indicadores da relação próxima, afetuosa, mas também responsável para com os objetivos dos cursos, que se desenvolveu entre os educadores do Thaba e os aprendizes do Menino Jesus:

O que eu posso falar, assim, é falar bem, né? Que a disciplina era boa, quando alguém atrasava no horário eles tinha que regular, e a gente... Fez com a gente aprendesse muito, né? Ter responsabilidade de chegar cedo, de cumprir os horários tudo certinho. Eles ensinava bem, também, entendeu? Tava ali, quando era dois, três, em cada casa, ensinou muito. Quem não sabia ele dava mais prioridade pra ensinar mais, e nisso a gente aprendeu. (Fala 1)

Os professores foram maravilhosos, muito pacientes. Souberam passar mesmo as coisas pra gente, tanto em prática como em teoria. (Fala 2)

Esta postura dos educadores do Thaba é coerente com o raciocínio que Paulo Freire (2008, p. 41) desenvolve ao tratar da necessidade de se querer bem aos educandos no ato pedagógico: “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade”.

### 7.5. Dificuldades nas aulas teóricas

Os participantes do primeiro grupo focal relataram dificuldades de entendimento dos conteúdos abordados nas aulas teóricas, especialmente no curso de eletricitista:

Essa parte aí de elétrica, encaenação eu entendo um pouco, mas a gente foi estudar na aula teórica, eu tive bastante dificuldade. [...] E você saber fazer uma instalação numa casa simples é uma coisa, e você ir pra uma aula teórica, como foi passado lá, mesmo, é um pouco difícil. Foi da forma que ele ensinou lá, entendeu? Pra mim, eu tive bastante dificuldade.

Por outro lado, as declarações seguintes revelam que a prática da profissão foi assimilada:

Um aprende na teoria, o outro aprende na prática, né? Eu tenho dificuldade na Matemática. Mas, se for pegar na prática, é pouco tempo, eu tô fazendo tudo, assim. (Fala 1)

Na teoria eu não aprendi nada, mas quando eu fui pra prática, lá em casa, mesmo, eu aprendi fazer tudo aquilo que os meninos fez no curso, eu fiz lá em casa. (Fala 2)

A leitura e a interpretação de projetos também foram dificuldades para os assentados, dificuldades que foram por eles relacionadas à falta de conhecimentos básicos, especialmente na Matemática:

Porque, vamos supor, um exemplo: a casa que nós fizemos no curso aqui, foi dois circuitos, não foi? Mas se o cara me der uma planta hoje aqui, eu não quero saber. Eu pego a planta, jogo no mato. Pego, estico dois fios aí, saio distribuindo pra tudo quanto é lado aí, e pronto, tá feita a instalação. Mas não é da forma certa. Então, se o cara me der a planta, não vou saber executar o serviço com a planta na mão, quer dizer, da maneira que a planta tá mandando fazer. Eu vou fazer do jeito que eu sei fazer. (Fala 1)

Quem tinha um conhecimento maior pegava tudo. Mas, no caso, eu só tenho o ensino fundamental. Aí, passava nas Matemática o “a” vale não-sei-quanto, o “n” vale não-sei-quanto, entendeu? Aí... (risos) (Fala 2)

Infelizmente eu não consegui aprender, e não foi por falta de professores. Foi uma deficiência minha, mesmo, de Matemática, que eu tenho. (Fala 3)

Um dos educadores confirmou que a baixa escolaridade dos aprendizes, notada nos primeiros contatos com o grupo, foi determinante para simplificar os conteúdos apresentados:

[...] neste projeto a gente não exigiu, ou, melhor, a gente não solicitou nenhum pré-requisito pra esses alunos, e a escolaridade do grupo era muito baixa. Portanto, a gente não poderia se aprofundar muito no curso de eletricista. Então, foi um curso básico de instalações elétricas prediais, vista a clientela, lá. Digamos que, desses 48 alunos, tinha uns quatro a cinco alunos que pudessem ir pro curso mais aprofundado, mas a grande maioria não tinha condições de absorver a grande carga teórica e técnica do curso de eletricista.

A baixa escolaridade verificada entre os aprendizes pode ser entendida como reflexo do déficit educacional do campo e da histórica falta de atenção dos governantes para com a educação do campo:

Questões essenciais como a infraestrutura e os espaços físicos inadequados, a má distribuição geográfica das escolas, os baixos salários dos professores, os currículos descontextualizados da vida dos povos do campo, e a falta de formação dos elementos disponíveis para o trabalho pedagógico, não faziam parte das preocupações das autoridades educacionais do governo brasileiro, mesmo quando éramos um País essencialmente agrícola. Isso ocorria devido à [...] subordinação do rural ao urbano e à conseqüente desclassificação do homem do campo. Considerado um cidadão de segunda classe (SOUZA JÚNIOR, 2006, f. 6).

## 7.6. Bolsa-auxílio

Em um curso que visa a preparar seus aprendizes para o ingresso no mercado de trabalho, a bolsa-auxílio tem importante significado, pois serve para custear as despesas dos aprendizes com o transporte e para inseri-los no mundo produtivo, simulando uma remuneração. A bolsa-auxílio, presente nos cursos anteriormente ministrados pelo Thaba em outras comunidades, foi mantida nos cursos do Menino Jesus, ainda que os assentados não tivessem despesa com deslocamento. E isso foi de vital importância para a participação dos assentados nos cursos, conforme ilustra o trecho abaixo, extraído do primeiro grupo focal realizado no assentamento:



Porque muita gente que tava aqui no curso não tinha condições de largar sua família em casa pra vir tomar o curso. Mas, já que surgiu esses R\$ 100,00, veio tomar o curso. Os R\$ 100,00 ajudou, entendeu? Fez com que essa pessoa viesse. E se não tivesse os R\$ 100,00, aquela pessoa não ia deixar os filhos com fome em casa pra vir fazer curso, entendeu? (Fala 1)

Pai de família não pode trabalhar o mês todo, e não receber nada. Aí não dá. (Fala 2)

E enquanto ele estava estudando, também, no curso, não tinha como ele trabalhar, ele ganhar em outro setor, pra substituir, né? (Fala 3)

No entanto, conforme recorte de um depoimento no grupo focal, um proprietário de uma das quatro casas construídas ao longo do curso evidenciou a compreensão de que a sua casa e o aprendizado adquirido no curso possuíam maior relevância que a bolsa-auxílio:

Pra mim, a bolsa ficava em terceiro lugar, porque assim: primeiro, era a casa, porque era a minha casa que eu tava fazendo; segundo, era o curso, que era bom, que era uma coisa que eu tava fazendo; terceiro, vinha a bolsa. Não desimportante, mas... Porque a bolsa acabava, a experiência não acaba nunca, e minha casa é pra sempre.

### 7.7. Outras transformações promovidas pelos cursos

Ao longo desta pesquisa, foi possível identificar, entre os aprendizes, a ocorrência de algumas transformações que não constavam nos objetivos dos cursos. Uma destas transformações foi a aproximação de pessoas e o estreitamento de relações previamente existentes, como se percebe nas falas transcritas a seguir:

A minha avaliação geral, primeiro, do curso, foi bom até demais, até porque pessoas que não tinham certa amizade, certo vínculo, eu peguei aqui, dentro do curso. Muita amizade, brincava, dava risada, mas tudo dentro das normas, dentro do curso. (Fala 1)

Trabalhei, vamos dizer assim, com ele aí, todos eles, a gente era da família, mesmo, e fizemos várias casas aí [...]. (Fala 2)

Pra mim, não podia ser melhor, de jeito nenhum, que, graças a Deus, todo o mundo começou amigo, terminamos amigos, sempre. (Fala 3)

Um dos educadores acredita que esta aproximação das pessoas é fruto da dinâmica introduzida pelo curso entre os aprendizes, mobilizando-os em torno de um objetivo

comum: “[...] você passar quatro meses, quatro dias por semana – sexta, sábado, domingo e segunda –, todos juntos, de sete da manhã, sete e meia da manhã, até cinco da tarde, isso acaba aproximando as pessoas”.

O total envolvimento dos aprendizes com o curso e com as casas que eles estavam construindo foi apontado por outro educador:

Agora, tem uma característica, no nosso curso, que os alunos, vamos dizer assim, que eles se apegam à construção. Se apegam, assim, com carinho, com aquilo que eles estão fazendo, né? Que eles estão vendo que aquilo é produto deles, né? Principalmente no aprendizado, então acontece muito isso

Segundo a assistente social, houve, entre as quatro equipes de aprendizes, um saudável clima de competição – no sentido da obtenção de resultados práticos de maior qualidade – que inclusive estimulou o aprendizado e reforçou a união do grupo:

Então, eles ficavam muito comparando o nível que tava a construção deles pro nível que tava a construção das outras equipes. Mas era uma competição saudável, porque eles conversavam entre si, eles diziam: “não, oh, precisa melhorar o acabamento, você viu o acabamento de não-sei-quem? Ele tá usando esse material. Você não quer tentar também?”. Então, assim: a relação desse grupo, com certeza, mudou do que que era antes, né? Eles começaram a se identificar enquanto grupo, mesmo.

Outra transformação promovida entre os aprendizes, durante o período do curso, foi a diminuição do índice de alcoolismo, conforme informou a assistente social:

E a gente percebeu, logo quando chegou lá, que, assim: o índice de alcoolismo, embora fosse proibido o uso de bebida alcoólica no assentamento, mas a gente percebeu que era muito alto. E, no decorrer do curso, esse índice de alcoolismo, mesmo, no assentamento, com esses alunos que ficaram envolvidos no curso, diminui muito. É porque assim: enquanto eles não estavam fazendo atividade agrícola, eles estavam se qualificando. Então, até nesse sentido, o curso serviu pra poder melhorar a dinâmica deles.

Um dos educadores explicou que o consumo de bebidas alcoólicas nas noites de sábado atrapalhou o andamento das tarefas dos domingos, no início do curso. Com o passar do tempo e o envolvimento dos aprendizes nas atividades educativas, esse quadro desapareceu:

Por exemplo: no primeiro final-de-semana que a gente chegou lá, pra trabalhar sexta, sábado, domingo e segunda, quando nós chegamos no domingo pela manhã, no primeiro final-de-semana, no domingo pela manhã, houve uma queda altíssima na frequência dos alunos. Digamos, mais de 15, 20 alunos, faltaram no domingo de manhã, devido a alcoolismo. [...] E, um mês depois de iniciadas as atividades, você já via que já tinha caído muito. No domingo, já era uma atividade normal, como era na sexta, no sábado e na segunda. E, depois, ficou um dia normal de atividade para os alunos.

Outro desdobramento das atividades do curso, mas que não estava dentre os seus objetivos – especificamente no assentamento – foi a geração de trabalho e renda. A formação profissional promovida pelo Thaba comumente tem essa meta, mas no caso de Água Fria buscava-se capacitar os assentados para construir as casas da agrovila. Os participantes do segundo grupo focal estimaram que entre quatro e cinco egressos dos cursos trabalhavam fora do assentamento, na construção civil.

#### 7.8. Avaliação dos aprendizes

O Thaba utilizou avaliação de maneira processual e contínua, em consonância com determinadas abordagens teóricas sobre avaliação (ANTUNES, 2008).

Os educandos que alcançaram média seis foram certificados, pela Uneb, como aptos para o desempenho da profissão relativa aos respectivos cursos; os que não atingiram a média exigida e tiveram uma frequência mínima de 75% receberam um certificado de participação.

Percebeu-se, entretanto, nas conversas com os assentados, que alguns deles não tinham compreendido todos os critérios de avaliação. Havia, também, algumas insatisfações: alguns dos educandos receberam o certificado de participação, quando acreditavam que – por terem um bom desempenho nas atividades práticas, ou por terem alguma experiência anterior na construção civil – deveriam ter recebido o certificado de qualificação profissional:

É avaliação dos professor, que viu, achou que eu não tinha capacidade de ser pedreiro, mas antes de eu vir pro curso, eu já fiz minha casa em Salvador, já trabalhei de pedreiro. Não era um pedreiro profissional, que eu não tinha certificado de pedreiro, e tal, mas aqui eu aprendi muito mais. Tanto que eu fiz minha casa [...]. (Fala 1)

Dona Odete é uma pessoa que se dedicava bastante na parte de pedreiro. [...] Recebeu acho que de outros, e não o de pedreiro. Carpinteiro, que eu acho que ela nunca subiu em cima de um telhado, ela recebeu. É isso que eu fiquei sabendo, né? [...] Eu acho que teve uma falha dentro do curso, alguma coisa que não deu certo pro lado dela, e outros aí também. [...] (Fala 2)

A confusão, ou incerteza, entre os assentados, quanto ao sistema de avaliação e às certificações emitidas também pode ser verificada em outras declarações:

[...] A avaliação teve a parte da dedicação, e também teve algumas faltas, que faltou muito. Tem pessoas que faltou uma etapa inteira. E passou o diploma. Aí ficou uma interrogação. (Fala 1)

[...] Como teve muita gente aqui que até hoje eu fico em dúvida. Porque, o que acontece: aqui no curso, tinha muita gente, aqui, que não participava das coisas muito bem, e que recebeu o certificado, aqui. (Fala 2)

A assistente social confirmou que a avaliação foi feita de forma criteriosa, e que estes critérios foram constantemente lembrados aos aprendizes, ao longo do curso:

Foi uma avaliação processual, né? Além disso, a gente avaliava também a postura na hora da refeição, né? Se ele era cooperativo, se ele ajudava o companheiro, ou se ele só se preocupava consigo. Às vezes, parece que a certificação tá ligada só ao desempenho relacionado à profissão, né? Então, muitos chegaram a pensar assim: “poxa, mas eu já trabalho nisso, então vou receber certificado de qualificação, porque eu só quero aqui pegar o certificado”. Na verdade, durante o processo, eu acredito que ele percebeu que não era só isso, não era simplesmente ter a habilidade da profissão, né? O nosso curso, ele tem que ter o envolvimento, ele tem que ter o compromisso, ele tem que respeitar o companheiro. Então, são quesitos que a gente vai colocando a todo momento, e vai avaliando a cada atividade que ele faz.

Este desenvolvimento da capacidade de relação interpessoal e inserção social também é sinalizado por Antunes (2008, p. 22), ao destacar a necessidade de que o educando, em processos educativos, progrida em questões como

[...] sociabilidade, sensibilidade pelo outro, sentimento de empatia e atitudes de solidariedade, participação, prestatividade, cooperação. É importante que descubra a força social do grupo e domine maneiras cooperativas de integrá-lo, desempenhando papéis diversos e assumindo a dimensão individual de suas responsabilidades coletivas. Em síntese, é essencial que *aprenda a viver com os outros* mesmo com os quais não se nutre sentimentos de afeto e empatia.

Outro fato importante notado em alguns aprendizes foi o medo da reprovação, que os fez evadir do curso na última semana. Preferiram ser caracterizados como desistentes, a passar, perante o grupo, pelo constrangimento – na percepção deles – de não receber o certificado de qualificação. Mesmo assim, a sua certificação – de participação – foi realizada. Este medo da reprovação é bem característico da escola brasileira de décadas atrás, “[...] onde o horror da reprovação, além de humilhar e diminuir, segregar e mentir, roubava do aluno um ano inteiro de sua vida” (ANTUNES, 2008, p. 40). Assim, infere-se que os educandos que evadiram do curso pelo provável recebimento do certificado de participação trazem frustrações de uma época em que a educação servia unicamente para aprovar ou penalizar: “[...] o importante não era transformar-se e sim passar de ano” (ANTUNES, 2008, p. 41). Atualmente, reconhecidos os malefícios dessa prática, busca-se acabar com a cultura de retenção do estudante, por meio de mecanismos pedagógicos de sedução do educando, instrumentos de reforço na compreensão da aprendizagem significativa, e eficientes sistemas de recuperação (ANTUNES, 2008).

### 7.9. Avaliação do curso

Os assentados avaliam positivamente os cursos do Thaba, admitindo a sua importância para o crescimento pessoal e dos companheiros e para o desenvolvimento do assentamento:

O curso pra mim foi uma maravilha, que naquele tempo, antes do curso, aqui, ninguém tinha experiência de fazer casa de tijolinho. Tinha pedreiro aqui que vinha de fora, mas não tinha aquela experiência que o curso chegou aqui e deu ao pessoal. E foi uma maravilha. Depois desse curso, a gente já construiu as casas quase tudo aqui, através desse curso mesmo. Quem não era pedreiro, hoje é pedreiro. Mulheres que tem aqui, que não sabia nem o que era pegar numa colher de pedreiro, hoje já sabe suspender uma casa, já sabe botar um cobogó. O pessoal botava aí, às vezes não saía certo, hoje todo o mundo já sabe. (Fala 1)

Eu gostei, que foi bom pra mim, não só pra mim, mas pra casa de todos foi bom. (Fala 2)

O depoimento do líder regional do MST à época dos cursos demonstrou sua avaliação positiva para a formação promovida pelo Thaba no assentamento:

Foi realizado um trabalho para além da construção de uma vila. Foi organizada a indústria dos tijolos ecológicos, o almoxarifado, o trabalho nas obras, permitindo uma eficiente organização da divisão do trabalho.

Houve uma integração solidária entre os profissionais do Thaba e os assentados, que foram profissionais e acima de tudo demonstraram muita capacidade.

## 8. Planejamento e execução da construção do restante das casas

O projeto da Vila Agrícola Menino Jesus, que seria desenvolvido e gerenciado pela Associação Comunitária dos Agricultores Sem Terra do Assentamento Menino Jesus, teria como produto final a construção de mais 186 casas, de um total de 212 casas, já que 22 haviam sido iniciadas antes dos cursos e quatro foram construídas durante os cursos.

Como instrumento metodológico à construção do planejamento para autoconstrução das casas, foi estabelecida uma série de reuniões com os agricultores envolvidos nos cursos de formação profissional, para discutir e se avaliar as etapas construtivas, seu grau de dificuldade e os procedimentos a serem utilizados. Com esse exercício, foi possível identificar todas as etapas que vêm antes de uma dada etapa, até o final de todo processo construtivo das 186 casas.

A duração das tarefas e quantidade dos respectivos recursos gastos na construção de uma unidade habitacional foram mensuradas durante os cursos profissionalizantes. Baseando-se na produtividade dos aprendizes durante os cursos, foi estimada a duração de cada uma das tarefas e, após discussão e avaliação com todos os educandos, estimou-se o prazo de 45 dias corridos para concluir uma casa com uma equipe composta por quatro educandos profissionalizados.

Em seguida, realizou-se o planejamento da construção coletiva das 186 casas. Inicialmente se definiram os componentes das equipes de trabalho, buscando-se estruturar grupos de quatro aprendizes e objetivando formar dez equipes de trabalho. Para tanto, solicitou-se que os educandos formassem, a seu gosto, as equipes. A partir daí, os educadores ponderaram, junto com os aprendizes, acerca da formação das equipes, para que houvesse certo equilíbrio entre os grupos, no tocante às habilidades profissionais, o que resultou na redefinição dos grupos. O segundo passo foi construir a sequência para a construção das 186 casas. Definidas as dez equipes de trabalho, passou-se a construir as frentes de serviço. Com esta estruturação foram formatadas duas etapas de construção das casas, uma com 100 unidades e a outra com 86 e, respectivamente, 14 meses de duração para a primeira etapa e 13 meses para a segunda.

A partir da elaboração deste planejamento, o Thaba formatou uma proposta de assessoria técnica, para acompanhar a execução das casas e para complementar os recursos financeiros necessários. Entretanto, não se achou um parceiro para viabilizar financeiramente a proposta e os assentados precisaram construir as casas em regime de autogestão e sem assessoria técnica.

Pouco depois que a equipe do Thaba deixou o assentamento, duas importantes mudanças aconteceram no processo de construção das casas: a mudança no sistema construtivo e a reorganização dos aprendizes para execução de todas as habitações.

Quando foi solicitado para promover os cursos de formação profissional no assentamento, o Thaba recomendou às lideranças construir as casas utilizando o bloco cerâmico tradicional. Uma arquiteta do Thaba recordou as razões para adoção do tijolo ecológico, falando da argumentação do dirigente regional do MST à época dos cursos:

Ele colocou uma coisa importante: que o processo de produção, que já tinha sido iniciado, foi fundamental no processo de organização deles. Porque como eles estavam na terra, não tinha financiamento pra fazer a parte de agricultura, ainda, a questão do tijolo ecológico [...] era uma forma de eles se organizarem pra produzir alguma coisa, já que eles não podiam produzir ainda os produtos agrícolas. Então, esse foi um dos motivos que ele manteve, mesmo a gente mostrando pra ele que não ia ter praticamente economia nenhuma, e ia ter um sobretrabalho enorme na fabricação desses blocos.

A fabricação de tijolos era responsabilidade da família proprietária. Isso causava grande rotatividade na operação das prensas dos tijolos, o que demandava o constante treinamento de novas pessoas e dificultava o controle de qualidade da produção. Algumas famílias passaram a pagar<sup>7</sup> para que outros assentados fizessem seus tijolos, de modo a terem suas casas logo construídas.

A sobrecarga de trabalho causada pela fabricação dos blocos foi claramente compreendida pelos aprendizes ao longo do curso. Eles também notaram que a casa erguida com blocos cerâmicos tradicionais poderia ser barateada em relação àquela que utilizasse o tijolo ecológico, especialmente se as paredes não fossem rebocadas, conforme os depoimentos:

---

<sup>7</sup> Pagava-se R\$ 230,00 (duzentos e trinta reais) pela produção dos 8.000 tijolos necessários à construção de uma casa.

Porque, no tijolinho, uma casa estava gastando, em média, 65 sacos de cimento. Fora mão-de-obra de construir tijolo, água, é... Óleo de máquina, que a gente tinha que usar o trator pra cavar o barreiro e carregar... Mão-de-obra pra fazer o tijolo... A água, que se gastava muita água pra molhar o tijolo... Energia que o triturador gasta... Ter que esperar uns cinco dias pra poder transportar pro pé da obra... Então, tudo isso, botando em conta, saía muito mais caro. O bloco chega aí, o bloco vem, já chega mesmo no pé da obra, então tem mais economia. (Fala 1)

A casa de tijolinho ecológico era 60 sacos, né? E essa casa aqui é 35 sacos pra dar ela pronta. Olha a diferença! (Fala 2)

É, começou com 35, mas agora já é 26 sacos pra dar a casa pronta. [...] Porque não tá entrando reboco, nem nada. (Fala 3)

Pouco depois da conclusão dos cursos pelo Thaba, ou seja, cerca de dois anos após ter início o processo de construção das casas no assentamento, somente estavam concluídas, em tijolo ecológico, 37 moradias e mais 18 estavam sendo executadas. A lentidão do avanço das construções em tijolinho, somada à reprogramação dos recursos financeiros disponíveis e à constatação de que eles não seriam suficientes para construir todas as casas da vila foram determinantes para que a população do Menino Jesus desejasse trocar o sistema construtivo, adotando os blocos cerâmicos tradicionais, conforme o depoimento a seguir.

[...] Fizeram o orçamento, entendeu? O Inkra veio, esclareceu também, o Inkra chegou, esclareceu, disse: “olhe, se vocês quiser as casa de você, vocês procure uma forma nova, porque essa aí vocês não têm condição de fazer”. Não tem recurso, o material não dá, nós já tinha mais de dois anos construindo casa, não tinha 50 casa pronta. Entendeu?

A conclusão dos cursos do Thaba coincidiu com a mudança da direção regional do MST. Os assentados aproveitaram-se desta alteração de cenário para propor às novas lideranças a mudança na tecnologia de construção, conforme o testemunho abaixo:

Na verdade, na verdade, mesmo, de um certo modo, desde o início, o pessoal reclamava do tijolo ecológico. Aí, o que aconteceu? Houve uma mudança de direção. O pessoal já tava uns com um pé na frente, outro lá atrás. Pegaram esse ponto fraco da direção, porque o pessoal antes não tava tendo muita liberdade de discussão, entendeu? Pegaram o ponto fraco da direção no momento de remanejamento. Foi na primeira oportunidade que teve, quando o novo dirigente veio, o pessoal pegou e botou ele na parede: “nós não queremos mais essa casa assim, nós queremos de bloco, pra poder adiantar o lado”. Na prática, funcionou assim. Foi tanto que o dirigente, o anterior, se injuriou aí. [...] Aí, quando



o dirigente novo chegou, que o pessoal reuniu: “não, nós vamos fazer de bloco”, ele não teve como voltar atrás, porque ele estava chegando, entendeu? Ele não ia contra o povo naquele momento.

Mudou-se o sistema construtivo, mas não foi refeito o planejamento elaborado durante o curso, para que se estabelecesse um novo prazo para conclusão das casas. Os aprendizes formados perceberam que a construção em bloco cerâmico levava cerca de 25 dias para ficar pronta – quase a metade dos 45 dias necessários para se erguer a casa em tijolo ecológico – e seguiram construindo, sem o estabelecimento de novas metas ou prazos.

O Thaba já esperava esta mudança do sistema construtivo, após a conclusão dos cursos, de acordo com o depoimento da coordenadora pedagógica do Thaba (uma arquiteta):

Já era previsto, e a gente tinha sinalizado, mas eles insistiram nesse bloco de solo-cimento [...] Então, a gente viu de forma positiva, porque eles enxergaram... Primeiro, eles mudaram o sistema construtivo pra um sistema mais simples, eles verificavam que eles dominavam. Com o curso que eles tiveram, no sistema mais complicado, eles dominavam perfeitamente esse sistema mais simples. Diminuiu o trabalho, porque eles adquiriam o bloco [...]. Inclusive, era mais barato comprar o bloco pronto do que fabricar com todas essas dificuldades. [...]

**Fotografia 1** - Casa em tijolo ecológico, no assentamento



**Fonte:** o autor (2010)

**Fotografia 2** - Casa em bloco cerâmico tradicional, no assentamento



**Fonte:** o autor (2010)

Pode-se depreender, a partir desse embate acerca do sistema construtivo adotado para as casas do assentamento, que as lideranças locais tinham as suas intenções, ao escolher o tijolo ecológico: pretendiam que o processo de construção coletiva fortalecesse os vínculos entre os assentados. Todavia, faltava-lhes o domínio técnico do

sistema, para construir uma análise coerente de seus prós e contras, e a demora em se obter resultados concretos gerou insatisfação entre os assentados. Ainda assim, as lideranças insistiram por manter o sistema construtivo, até que a substituição da liderança oportunizou a modificação da tecnologia construtiva. Esta postura das lideranças pode trazer problemas ao movimento:

O movimento padece também de dificuldades internas. A rigidez das diretrizes dos coordenadores, que procuram implementar as diretrizes programáticas de suas instituições de apoio – Partido, Sindicato ou Igreja –, tem encontrado dificuldade de ser assimilada pela massa de agricultores. Alguns erros básicos da esquerda ainda são repetidos, como o de desconsiderar o peso da tradição e dos costumes no meio popular e tentar implementar práticas novas porque são coletivizantes (GOHN, 2003, p. 150).

A segunda mudança diz respeito à forma em que os aprendizes reorganizaram-se para dar continuidade à construção das casas. Depois que o Thaba encerrou suas atividades no assentamento, as equipes formatadas no planejamento da construção das casas não se mantiveram, por falta de afinidade entre seus componentes, apesar de os aprendizes terem participado da definição das equipes, e, aparentemente, concordado com as definições tomadas, como atesta o depoimento de uma líder do assentamento:

Porque eu acho uma coisa comigo, porque se eu não me dou bem contigo, não tem mistério de eu ficar contigo, e acabou. Tem que abrir a boca: “olhe, não vai dar certo, professor, com fulano e sicrano”. Tantas vezes, aqui, os companheiros, aqui, que depois do planejamento que teve, ficou alguma zoadinha vaga. Porque: “ah, tirou eu, fulano e beltrano, mas eu não queria trabalhar com fulano, queria trabalhar com sicrano”, você entendeu? [...] Isso não foi dito na hora, então eles aceitaram. Então, o que que acontece? Quando foi depois do planejamento, direitinho, não foi adiante porque eles não queriam Bonifácio, eles não queriam seu Flaviano, e eles não tiveram a boca de abrir e dizer assim: “olhe, eu não quero ir com Flaviano, não quero ir com Bonifácio, eu quero ir com fulano e sicrano”. Então, quer dizer, que por eles ficar calados, dentro da sala de aula, aí, quer dizer, que surgiram os problemas, e principalmente afetou o grupo. E aí foi bem mais por isso aí, entendeu?

Essa liderança também afirmou que as pessoas tinham preferência por trabalhar individualmente, ao invés de manter a experiência de trabalho em grupo vivenciada no curso:

[...] Mas no dia que o Thaba saiu, que a gente fez uma reunião, aí começou as pessoas mesmo que estavam envolvidas na equipe, começou a desviar um pouco. Cada um queria fazer individual. Acho que algumas pessoas queriam fazer a sua parte individual. Aí desmoronou o planejamento que a gente fez pra conseguir o andamento do processo daqui, do curso. [...] Aí, por aí, foi andando muito lento.

Essa cultura individualista foi notada pela equipe do Thaba, logo ao iniciar os trabalhos, de acordo com a assistente social:

Bom, quando a gente chegou no assentamento, acreditou que essa relação já estivesse estabelecida, por conta de eles já estarem ali há algum tempo, de eles terem um objetivo comum – que seria a construção das casas do assentamento –, mas a gente percebeu que eles eram muito isolados. [...] A gente já percebia que, assim: dois se conheciam, três se conheciam, mas nem todos tinham esse contato. [...] Vivência de comunidade, eles não tinham.

O estabelecimento de vínculos com outros assentados, na perspectiva de uma vida comunitária e de superação da cultura individualista, parece ser um ponto a ser trabalhado no Assentamento Menino Jesus. Este problema talvez também exista em outros assentamentos, já que o ideal que mobiliza e une os integrantes do MST é a vontade de trabalhar na terra e, quando se assentam famílias, reúnem-se ali pessoas de origens diferentes, com trajetórias diferentes.

Com a finalidade de superar o individualismo, característica das sociedades capitalistas, é que o MST prega a educação para a cooperação. Esta postura é, de fato, estratégica na fundação de vínculos e de novas relações sociais, pois

cada família tem de resolver sozinha os problemas que uma comunidade junta pode resolver com mais facilidade e menos tempo? Trabalho, comercialização, acesso às novas tecnologias, moradia, conquista de escolas, posto de saúde, construção de agroindústria, de uma área de lazer. São estas novas questões do dia a dia dos assentamentos que vêm criando as diversas formas de cooperação que defendemos. Só que muitas vezes elas esbarram na herança cultural do individualismo, do isolamento e do conservadorismo que ainda carregamos. Por isto a necessidade de uma formação intencionalmente voltada para a cultura da cooperação e para a incorporação criativa das lições da história da organização coletiva do trabalho (PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO NO MST<sup>8</sup>, apud MENEZES NETO, 2003, p. 107-108).

---

<sup>8</sup> PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO NO MST. **Cadernos de educação n. 8.** São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, jul. 1996, p. 8.

Outro fator de desintegração das equipes foi o pagamento, feito pelos proprietários dos lotes aos aprendizes formados, para que priorizassem suas casas. Do crédito para habitação oriundo do Incra, o planejamento previa R\$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais)<sup>9</sup> para pagamento de mão-de-obra por unidade habitacional. Contudo, ocorreram casos em que o proprietário oferecia dinheiro extra ao profissional, para antecipar a construção de sua casa:

E também rolava aquela conversinha do dono da casa, que chegava assim, dizer: “venha fazer minha casa que eu te dou 100 contos por fora”. O cara tava no outro grupo, larga e ia fazer a casa do outro. Aí atrapalhou tudo. Houve isso também, que o cara oferecia ao ponto “faça minha casa, que você ganha o dinheiro do movimento, e eu te dou 100 contos por fora, ou 200, ou 150”. Aí o cara pegava os 750, ganhava mais 200, claro que o cara ia fazer, o cara precisava. Desarmava o grupo. O que desarmou mais também foi isso aí, oh. Foi pouca gente aí que deu dinheiro ao cara de fora pra fazer a casa deles, aí? [...]

Com a desarticulação dos grupos, o planejamento de construção das casas, elaborado pelo Thaba e os assentados, deixou de ser seguido. O critério para construção passou a ser as ruas do assentamento: deveriam estar construídas todas as casas de uma rua, para se construir as de outra rua. Exigia-se a participação do proprietário da casa desde a tarefa de descarregar os blocos cerâmicos do caminhão. Aqueles que descarregavam os blocos, e, assim, tinham “o material no pé da obra” – como dizem os assentados – tinham a construção de suas casas priorizadas. Além de descarregar os blocos, o proprietário precisava providenciar areia, que era retirada de locais próximos do assentamento, e água. O restante dos materiais de construção era custeado pelo crédito para habitação, proveniente do Incra. Com o andamento dos trabalhos, porém, esse critério foi questionado, pois pessoas que não estavam residindo no assentamento recebiam a casa antes de outras que moravam lá:

Até a gente estar trabalhando dessa forma, estava ok. Mas eles foi, começou a questionar que tinha fulano que não morava aqui, que recebia bloco, aquela coisa toda, e por um lado, tava certo, porque eu acho que, quem quer terra, tem que estar na terra, não é verdade? Não pode estar simplesmente como os turistas. [...]

---

<sup>9</sup> Este valor correspondia à soma dos valores referentes a cada etapa construtiva de uma unidade habitacional: fundação, levante de alvenaria, esquadrias, telhado, etc. Os valores foram definidos pelas lideranças do assentamento, de acordo com os recursos financeiros disponíveis.

Por fim, a construção das casas ficou sob a responsabilidade dos núcleos de família:

Aí também a gente fez uma assembleia, porque ficou essa questão, assim, de ter ficado solto, como Pingo falou, aí, as construções. A gente fez a assembleia, e achou melhor colocar pra os núcleos de família. Aí os núcleos, cada grupo de dez, aí essas pessoas, que tinha pedreiro no grupo, aí ia fazendo esse trabalho, de estar construindo a casa daquelas pessoas. [...] aí saía aqueles pedreiros, junto com o dono da casa também, claro que ele ia ajudar, ia estar fazendo essas casas.

Era necessário o envolvimento do proprietário da casa na construção; geralmente, atuava como ajudante. Entretanto, a decisão de deixar o gerenciamento da construção com os núcleos de família não garantiu o andamento dos serviços, pois alguns núcleos demoraram a concluir as edificações:

Porque, assim, depende também de cada coordenador, né? É porque tem aquele coordenador do grupo que pega no pé, mesmo, que está junto, está rente, e outras pessoas que deixa assim, um pouquinho solto, não dá muita “ligança”. (Fala 1)

[...] Então, esse coordenador, que ele puxa. Também. Junto com o dono da casa. E aí, se ele, o coordenador, ele organizar o grupo pra fazer a casa, eu estou lá pra ir trabalhar junto, também. (Fala 2)

Os assentados reconhecem que o acompanhamento de uma assessoria técnica possibilitaria um aceleração no ritmo de construção das casas:

[...] Então, eu acho que, no meu “a ver”, tá faltando mais, assim, uma aproximação, um desempenho, entendeu? As pessoas que foi capacitado se reunir, até junto mesmo com vocês, porque tem pouco tempo, eu tava falando, falando com os meninos: “oh, eu acharia era tão bom que o pessoal do curso viesse até aqui reunir, entendeu? As pessoas pra ter mais uma fala, um entendimento, pra ver se as coisas mesmo anda”, muito antes de vocês vir. [...]

O benefício de uma assessoria técnica como impulso e gerenciamento do trabalho coletivo também foi também reconhecido pela coordenadora pedagógica do Thaba: “Eu acho que aí, a questão desse trabalho coletivo, de equipe, se tivesse tido um acompanhamento nesse sentido, tinha mais chance do prosseguimento”. Percebe-se que, apesar de organizados, os assentados necessitam da contribuição externa, para atingirem mais rapidamente seus objetivos: “os assentados constroem um saber que é social, a partir de relações com os técnicos do MST e outros agentes da sociedade civil e política. Eles desenvolvem novas formas de organização social [...]” (GOHN, 2003, p.155).

Outro fator que levou à demora na conclusão das casas foi o fim dos recursos para remuneração da mão-de-obra e a adoção do regime de mutirão para a construção das últimas casas, mas sem organização para executar os serviços. Uma equipe trabalhou voluntariamente e outras pessoas, espontaneamente, contribuíam com dias de trabalho, para adiantar os serviços. Como complicador, proprietários das últimas casas a serem construídas entediavam que era obrigação do movimento dar-lhes as casas prontas, o que causou indignação em alguns assentados:

Então, hoje a gente tem uma média assim, que nós estamos chegando numa reta final, agora, final de quê? Tá beleza? Um final dramático, triste. Porque a maioria tá fazendo isso: cruza os braços, e chega e diz: “não, mas vocês têm que fazer minha casa”, onde nós estamos tendo material posto dentro dos lote [...]. Na minha concepção, no meu pensar, é o seguinte: “não quer?”, “não”. A gente não vamos brigar por quantidade, vamos brigar por qualidade. Que aquele que tá ali, não é uma qualidade boa, tira ele, coloca outro [...].

A deliberação tomada em assembleia, entretanto, foi por reunir esforços para concluir a construção das casas e, somente depois, definir se o proprietário permaneceria no imóvel:

[...] Porque nós tivemos uma reunião e a discussão ficou a seguinte: “depois que fizer a casa, a gente vamos ver se fulano vai morar dentro dela”. Aí, eu discordei na hora, e discordo, todo o tempo eu discordo, porque, depois de pronta, o que é comido é esquecido. Depois que o cara achar a casa pronta, ele vai ter o advogado pra ir lá, alguém vai chegar pra dizer: “não, mas fulano é bonzinho, fulano é isso e aquilo, fulano tem dez anos aqui dentro, fulano tem três anos, fulano foi pra isso, fulano foi pra aquilo”, e deixa ele dentro da casa [...].

Todo este debate acerca do sistema construtivo e da forma de organização para construir as casas mobilizou a população do assentamento e fortaleceu, em seu meio, o espírito democrático, já que “a democracia não se legitima só com o voto, mas sim mediante discussões e decisões coletivas dos membros da sociedade” (GOHN, 2008, p. 55).

Outro aspecto a se observar é o surgimento da preocupação com o planejamento da obra, que fica perceptível ao se compararem os critérios para priorizar a construção das casas antes e depois dos cursos do Thaba. Antes dos cursos, eram construídas prioritariamente as casas das famílias que já tivessem produzido seus tijolos ecológicos,

em um processo sem uma visão do todo e a partir de um critério individualista – a fabricação dos tijolos – em vez de um objetivo coletivo – a construção de todas as casas da agrovila. Logo depois dos cursos, eram priorizadas as famílias que descarregavam os blocos cerâmicos dos caminhões ou as famílias que ofereciam remuneração extra aos aprendizes qualificados. Em seguida, o critério foi a distribuição espacial das casas, pensando em executar todas as moradias de uma rua – o que já denota a preocupação com a logística de distribuição de materiais e de frentes de serviço e o crescimento do foco no objetivo coletivo. Por fim, definiu-se a construção sob responsabilidade dos núcleos de família – com maior controle das várias frentes de serviço, já que os coordenadores dos núcleos também estariam envolvidos na administração da obra.

Pode-se definir planejamento como um

processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando à concretização de objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações (PADILHA<sup>10</sup>, apud BAFFI, 2002, p. 1-2).

Diante desta definição, fica claro que, ainda que com a ausência de um planejamento completo para a construção do restante das casas, já que os assentados não estabeleceram prazos e etapas, outros quesitos foram trabalhados: a avaliação do andamento das obras, ainda que informal e não registrada; a previsão de necessidades e a racionalização de emprego de materiais, perceptível na intenção de otimizar a distribuição de materiais de construção. Pode-se deduzir que este cuidado em programar a construção nasceu a partir das vivências nos cursos, nas atividades de planejamento desenvolvidas. Portanto, ainda que o planejamento elaborado no curso não tenha sido seguido à risca, ele foi útil para os assentados, na medida em que eles puderam aplicar, na autoconstrução das casas da agrovila, conceitos abordados pelo Thaba.

A primeira etapa da construção das casas da agrovila, com a construção de 198 moradias financiadas inicialmente pelo Incra, foi finalizada em outubro de 2009. Em agosto de 2010 o crédito habitação para a segunda e última etapa, com 14 casas, já havia sido liberado, e a construção estava prestes a ser iniciada. Desta forma, seriam construídos os 212 lotes da vila.

---

<sup>10</sup> PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico**: como construir o projeto político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001, p.30.

No processo de autoconstrução das casas, pôde-se verificar que houve aprendizagem significativa dos conteúdos abordados nos cursos, seja pela aplicação, em outro sistema construtivo, dos conceitos apreendidos em um sistema construtivo, pela adoção de soluções alternativas àquelas vivenciadas nos cursos para problemas enfrentados na construção ou pela troca de conhecimento com pessoas que não participaram dos cursos. Um exemplo de tomada de solução alternativa, para uma situação já vivenciada no curso, foi a aplicação da argamassa sobre os tijolos ecológicos, de modo a se assentar uma nova fiada. No curso, foram utilizadas bisnagas de lona para executar esta tarefa. Na autoconstrução das casas, um dos egressos teve a ideia de substituir as bisnagas de lona por garrafas plásticas:

Eu tava pegando mais seu Reinaldo ali, nós com aquela bisnaga, né?, seu Reinaldo, de lona. Tava o maior horror, nós dois. Aí, eu inventei... Não tem aquelas garrafinhas de “bike”, aquelas garrafinhas de carregar água? Eu tirei aquele bico, botou nessas garrafas dessas pet de guaraná, enchia doze garrafas daquela, era só tirando o bico e... Rapidinho. Nós desenvolveu, não foi? (...) Você ia na obra, só via era a gente com a garrafinha, fazendo o serviço.

O depoimento abaixo ilustra a troca de conhecimentos com um assentado que não participou dos cursos. Ao trabalhar auxiliando a construção da casa de uma aprendiz formada pelo Thaba, ele recebeu orientações que a última tinha apreendido nos cursos:

[...] E ele construiu a casa dele também, com tijolinho ecológico. Aí, ele foi lá, aí tinha alguma coisa assim, né? Que ele fazia, aí eu falava a ele como era, por causa disso, que eu tinha tomado o curso, né?

Tanto a solução de problemas, quanto a aplicação de conceitos apreendidos a diversos contextos, quanto o repasse de conhecimento são sinais da aprendizagem significativa ocorrida:

Acreditamos que o processo da verdadeira aprendizagem sensibiliza a memória de longa duração e faz do aluno um solucionador de problemas e uma pessoa capaz de transferir saberes construídos em uma referência para múltiplos contextos de outras referências; estamos convencidos, assim, de que o ensino somente tem sentido quando explora a *aprendizagem significativa* e quando percebe na aprendizagem mecânica apenas um sistema de adestramento eventualmente válido para animais e picadeiros, nunca para alunos e salas de aula (ANTUNES, 2008, p. 15-16).



## 9. Demanda por ações que promovam o desenvolvimento local

A pressa pela conclusão das casas levou à participação, na construção, de profissionais de outras localidades, como Pataíba e Coité. Era preciso terminar as casas pois os assentados só poderiam obter o crédito financiado do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar<sup>11</sup> (Pronaf) após a regularização do crédito para habitação obtido junto ao Incra:

Que a gente tem que prestar conta aqui pro Governo, de quê? Desse projeto aí, né? Nós tem que prestar conta pro Governo dessa construção das casa. Que, se prestou conta, vem outro. Mas, se nunca prestou conta, não concluiu, como é que vai vir outro?

A demora na conclusão de algumas casas era percebida como prejudicial à coletividade:

Prejudicando, porque se o Incra vem aqui, e faz uma vistoria na casa de Dinha, e na casa de Dinha está faltando piso, banheiro e fossa, aí chega na casa de Neuza, tá ok, né? Daqui a três ou quatro meses, o Incra vai chegar aqui e vai encontrar a casa de Dinha da mesma forma. Aí, a casa de Dinha está prejudicando a comunidade. Como se não bastasse um cidadão, vai fazer dois anos agora, o camarada tá fazendo uma casa. Dois anos! Entendeu? Dois anos, quer dizer... Dois anos fazendo uma casa.[...]

Outra preocupação era que os assentados cujas casas ainda estavam por concluir e que se recusavam a colaborar na construção das próprias casas fizessem mal uso do recurso do Pronaf:

Se ele não tem coragem de fazer a casa dele, ele tem condições, ele tá preparado pra receber o Pronaf? (Fala 1)

Não tá. Um desse não é sem terra. Vai pegar o dinheiro, vai jogar fora. (Fala 2)

---

<sup>11</sup> É um programa do Governo Federal criado em 1995, com o intuito de atender de forma diferenciada os mini e pequenos produtores rurais que desenvolvem suas atividades mediante emprego direto de sua força de trabalho e de sua família. Tem como objetivo o fortalecimento das atividades desenvolvidas pelo produtor familiar, proporcionando-lhe aumento de renda e agregando valor ao produto e à propriedade, mediante a modernização do sistema produtivo, valorização do produtor rural e a profissionalização dos produtores familiares.

A demanda por projetos que propiciem desenvolvimento no assentamento também foi percebida no desejo de que o Thaba, ou instituições semelhantes, ministrasse outros cursos:

A gente tá precisando de outro curso desse aqui, porque foi bom demais, foi bom demais, ajudou muito aqui. [...] E se chegar outro curso bom praqui, nós vamos pra cima de qualquer curso bom, que seja bom pra gente. A gente vai pra cima, todo o mundo. (Fala 1)

[...] Pra mim foi importante. Se “visse” outro agora, eu ia pegar do início, que era pra praticar mais alguma coisa. (Fala 2)

Ficou claro, também, que a maior vontade entre os assentados é trabalhar na terra, conforme o trecho abaixo transcrito, que foi seguido de palmas e exclamações de aprovação:

O povo tem que estar pensando em produzir toneladas, gente! Vocês têm que pensar produzir toneladas! Nós tem que mostrar pro Governo que nós pediu a terra pra trabalhar.

Portanto, pode-se afirmar a importância, para os assentados, de ações de cunho educativo que estejam relacionadas ao manejo agrícola e às outras questões de luta do movimento, como moradia, educação, comercialização, novas tecnologias, saúde, agroindústria, lazer, pois “a educação isoladamente não pode resolver os problemas do campo e da sociedade, mas é um dos caminhos para promoção da inclusão social e do desenvolvimento sustentável” (ARROYO<sup>12</sup>, apud SOUZA JÚNIOR, 2006, f. 6).

## 10. Considerações finais

Como desdobramentos da formação profissional promovida pelo Thaba e que auxiliaram na construção das casas do assentamento, identifica-se algumas contribuições: a) capacitação para o exercício das profissões da construção civil (pedreiro, pintor, carpinteiro, encanador e electricista), permitindo executar casas com boa qualidade construtiva, diminuição de desperdícios de materiais e segurança no trabalho; b) promoção de aprendizagem significativa, o que possibilitou: a aplicação, no sistema

---

<sup>12</sup> ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Por uma educação básica do campo**. V. 2. Brasília, 1999, p.130.

construtivo tradicional com bloco cerâmico, dos conceitos estudados na tecnologia do tijolo ecológico; a troca de conhecimentos entre aprendizes e pessoas que não participaram dos cursos; e a solução de problemas durante o processo construtivo das casas. C) experiência de uma atividade coletiva e organizada em torno de um objetivo comum, promovendo o trabalho em equipe, com aproximação de pessoas e estreitamento de relações previamente estabelecidas; d) Aplicação, na construção das casas após os cursos, de questões abordadas no planejamento feito com o Thaba, como avaliação do processo, previsão de necessidades, logística de distribuição de materiais, que permitiram melhor controle da obra, se comparado às condições anteriores à chegada do Thaba ao assentamento.

## REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya; COELHO, Leandro de Oliveira. **Mutirão habitacional: procedimentos de gestão**. Porto Alegre: ANTAC, 2006.

ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAFFI, Maria Adelia Teixeira. O planejamento em educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. **Pedagogia em Foco**. Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundamo2.htm>>. Acesso em: 13 set. 2010.

BARSAN, Elielson. Há vagas. **Tribuna da Bahia**. Salvador, 24 maio 2010. Cidades, Caderno C, p. 11.

BISPO, Vangilson Ferreira. **História do Assentamento Menino Jesus**. Digitado, não publicado. 2010

BORGES, Amadja Henrique; MEDEIROS, Cecília Marilaine Rego de Medeiros; CERQUEIRA, Maria Cândida Texeira de. Redesenhando com o MST o habitat da reforma agrária. In: Congresso Internacional Sustentabilidade e Habitação de Interesse Social, 2010, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: PUCRS, 2010. Disponível em <<http://www.joaobn.com/chis/Artigos%20CHIS%202010/109%20-%20A.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

**Revista Cenas Educacionais**, Caetité – Bahia - Brasil, v. 1, n. 1, p. 149-184, jan./jun. 2018.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os sem-terra, ONGs e cidadania**. São Paulo: Cortez, 2003.

MENEZES NETO, Antônio Júlio de. **Além da terra: cooperativismo e trabalho na educação do MST**. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.

RODRIGUES, Rosana Mara Chaves. **O projeto pedagógico do MST: a intenção e o gesto**. Dissertação (Mestrado). 2003. 127 f. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2003.

SOUZA JÚNIOR, Mauro Roque de. **Educação na reforma agrária: uma proposta extensionista da Uneb para a Pronera**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

VIDAL, Fernando Edmundo Chermont. **A autoconstrução e o mutirão assistidos como alternativas para a produção de habitação de interesse social**. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

Recebido em: 15 de maio de 2018  
Aprovado em: 20 de junho de 2018

## **SOBRE O AUTOR**

**João Maurício Santana Ramos** é um pesquisador, professor, arquiteto, urbanista e músico brasileiro vinculado ao Grupo Laboratório de Multimeios na Expressão Gráfica (MULTGRAF) e ao Grupo Laboratório de Habitação e Cidade (LabHabitar) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Ele possui experiência em arquitetura e urbanismo, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento participativo, expressão gráfica, cidade contemporânea, espaços públicos e relações de poder.